

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Faculdade de Ciências Humanas  
Curso de Graduação em Filosofia**

**Luiz Fernando da Silva Lima**

**CATEGORIAS CENTRAIS DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO: UMA  
APRESENTAÇÃO A PARTIR DE *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO***

Artigo apresentado como Trabalho de  
Conclusão de Curso de Licenciatura em  
Filosofia da Faculdade de Ciências  
Humanas da Universidade Federal de Mato  
Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Amir Abdala

Campo Grande – MS  
2025

## AGRADECIMENTOS

Eu reconheço que poucas pessoas tiveram influência direta para que eu conseguisse efetivar esse ciclo em minha vida. Agradeço às circunstâncias que me trouxeram até aqui, ou melhor, agradeço a mim, porque minhas escolhas me conduziram a este objetivo final. Diante de uma infinidade de possibilidades, eu fui livre e tive a responsabilidade por cada decisão.

Sob o olhar do outro a gente se reconhece nesse mundo, e foi justamente nesse conjunto de interações que tive a grande oportunidade de ter como orientador dessa empreitada o professor Dr. Amir Abdala, que acompanhou e reconheceu o meu desenvolvimento durante a vida acadêmica. Com a sua sensibilidade e forma dedicada, nunca deixou de acompanhar e dialogar com cada aluno sobre o seu desempenho e suas dificuldades. Foi justamente pelo seu método de ensino e seu olhar atento e compreensivo que estou concluindo essa etapa. Uma ressalva para além da formalidade, fica o meu elogio à pessoa que ele é, que se tornou unânime entre os acadêmicos de filosofia e da comunidade acadêmica.

Durante o percurso da graduação, foram várias as objeções e acontecimentos negativos de diversas ordens, e uma pessoa acompanhou toda essa turbulência e contribuiu muito para amenizá-la e – qualquer que fosse o humor e qualquer que fosse a situação, ele sempre esteve comigo. Refiro ao meu amigo Santos, que de santo não tem nada. Ele esteve presente do primeiro ao último semestre e contribuiu direta e indiretamente para muitas coisas boas. Esteve presente ainda em todas as ruins e me auxiliou dentro de suas possibilidades. Fica minha gratidão por tudo.

Agradeço à minha amiga Andréia, que nunca largou a minha mão desde a minha infância até aqui, nunca mediu esforços para estar ao meu lado em todos os momentos – estivesse eu certo ou errado, ela estava lá. Seu incentivo e a esperança que ela depositou em mim de ser sempre uma pessoa melhor serviram como combustível, sobretudo por ela estender as mãos quando as minhas forças e energias mentais já estavam quase se esgotando. Obrigado por tanto, Andréia!

Agradeço especialmente à minha mãe, que não está mais presente entre nós há muitos anos, que se dedicava integralmente para meu bem-estar e me incentivava a buscar um futuro melhor.

Por fim, agradeço a todos professores que contribuíram para o meu desenvolvimento.

## CATEGORIAS CENTRAIS DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO: UMA APRESENTAÇÃO A PARTIR DE *O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO* \*

Luiz Fernando da Silva Lima

### RESUMO

Em *O existencialismo é um humanismo*, Jean-Paul Sartre é enfático ao argumentar em favor da liberdade radical dos seres humanos, que, em sua condição de seres existentes, são completamente responsáveis pela elaboração de suas subjetividades em suas relações com o mundo. Ele contesta a crítica de que sua concepção existencialista implicaria um tipo de individualismo. Para esse filósofo, a subjetividade humana não se restringe a desejos, projetos e anseios exclusivamente individuais, caracterizando-se, na realidade, pela intersubjetividade. Angustiados e desamparados, os seres humanos efetuam escolhas que não dizem respeito apenas a si mesmos, mas sim à sociedade e, em sentido universal, a toda a humanidade. Em nosso estudo, apresentado neste artigo, examinamos a dimensão social da proposta existencialista sartriana.

**Palavras-chave:** Angústia. Existência. Liberdade. Moral. Responsabilidade. Sociedade. Subjetividade.

### ABSTRACT

In *Existentialism Is Humanism*, Jean-Paul Sartre emphatically argues in favor of the radical freedom of human beings, who, as existing beings, are completely responsible for the elaboration of their subjectivities in their relations with the world. He refutes the criticism that his existentialist conception implies a type of individualism. For this philosopher, human subjectivity is not restricted to exclusively individual desires, projects, and aspirations, but is characterized, in reality, by intersubjectivity. Anguished and abandoned, human beings make choices that concern not only themselves, but also society and, in a universal sense, all of humanity. In our study, presented in this article, we examine the social dimension of Sartre's existentialist proposal.

**Keywords:** Anguish. Existence. Freedom. Morality. Responsibility. Society. Subjectivity.

---

\* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito para obtenção do diploma de licenciatura em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Amir Abdala.

## Introdução

Este trabalho examina a filosofia existencialista do francês Jean-Paul Sartre (1906-1980). É interessante, então, contextualizar nossa pesquisa com a apresentação prévia das principais características do existencialismo, perspectiva intelectual que se desenvolve a partir do século XIX. O existencialismo não se expressa somente na filosofia, mas também, implícita ou explicitamente, na literatura e na dramaturgia. São alguns dos nomes associados direta ou indiretamente à interpretação existencialista da condição humana: Fiodór Dostoiévski (1821-1881), Martin Heidegger (1889-1976), Karl Jaspers (1883-1969), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Simone de Beauvoir (1908-1986), Gabriel Marcel (1908-1961) e Jean-Paul Sartre (1905-1980)<sup>1</sup>.

O existencialismo modifica a discussão filosófica sobre os seres humanos. As primeiras aparições e questionamentos sobre a humanidade acontecem na fase inicial da filosofia, com os sofistas e, principalmente, com Sócrates (470-399 a.C.). Com o projeto de filosofia de Sócrates, inaugura-se a antropologia filosófica, que busca identificar características de uma suposta natureza humana, aspectos universais e definidores da humanidade. Assim, os filósofos que, ao longo da história, filiam-se à tradição da antropológica filosófica argumentam que há uma natureza humana composta por qualidades com as quais nascem todos os seres humanos.

Nas reflexões de orientação existencialista, o caminho é diferente. Nelas, não há conceitos de natureza humana. No *Dicionário básico de filosofia*, escrito por Hilton Japiassu e Danilo Marcondes, o significado do existencialismo é assim explicado:

Quanto ao homem, ele é aquilo que cada um faz de sua vida, nos limites das determinações físicas, psicológicas ou sociais que pesam sobre ele. Mas não existe uma natureza humana da qual ele seria um simples desenvolvimento. O cerne do existencialismo é a *liberdade*, pois cada indivíduo é definido por aquilo que ele faz. Onde o interesse dos existencialistas pela política: somos responsáveis por nós mesmos e por aquilo que nos cerca, notadamente a sociedade. Como o pensamento filosófico (abstrato e generalizante) não apreende a existência individual, na qual a angústia tem um papel preponderante, o existencialismo abre-se para a literatura e para o teatro, fazendo a filosofia passar pelos

---

<sup>1</sup> A classificação de pensadores como existencialistas é muito controversa. De qualquer forma, os autores citados desenvolvem reflexões sobre os seres humanos como existentes. Jacques Colette, em seu livro introdutório *Existencialismo* (2009), apresenta brevemente essa discussão.

romances e pelas peças teatrais. (1991, p. 92).

O existencialismo se diferencia das teorias antropológicas clássicas da filosofia ao defender que a individualidade e a subjetividade não são dadas antecipadamente por uma natureza humana. De acordo com a visão existencialista, os seres humanos individuais constroem seus modos de ser por meio de suas escolhas no mundo: eles têm a liberdade de constituir sua subjetividade e, portanto, possuem responsabilidade existencial. Nessa perspectiva, os seres humanos são protagonistas de suas decisões e de si mesmos, não são exemplares de uma humanidade essencialmente predefinida.

Essa distinção aparece claramente no existencialismo de Sartre, que, contrariando os filósofos para os quais a essência humana precede a existência dos seres humanos, afirma que a existência precede a essência. Isso quer dizer que não há uma substância humana anterior às experiências individuais e que as subjetividades individuais se elaboram constantemente no percurso existencial.

Para as concepções existencialistas, os seres humanos, em sua total responsabilidade, projetam a si mesmos e transcendem em suas escolhas. Essa transcendência não tem sentido metafísico ou algo parecido, mas refere-se ao fato de os seres humanos, no exercício de sua liberdade existencial, superarem as suas condições presentes modificando a si próprios, seus modos de ser no mundo.

Outro aspecto importante do existencialismo é a noção de finitude humana. Essa finitude não diz respeito somente à condição mortal dos seres humanos: as decisões e escolhas tomadas por alguém já determinam que ele não escolheu tantas outras coisas, e isso demonstra claramente que não é possível realizar todas as possibilidades. A finitude humana está na impossibilidade de os seres humanos realizarem todas as suas possibilidades.

Não dá para dissociar a liberdade dos seres humanos da responsabilidade que eles têm por si próprios: são eles que constroem e formulam as suas decisões, sem fatores externos que possam servir de justificativas para suas escolhas. É diante dessa responsabilidade por si e por suas ações que os seres humanos encontram-se desamparados e angustiados. Nas filosofias de orientação existencialista, a angústia é aspecto indissociável da condição humana em sua relação com o mundo.

É pela filosofia sartriana, especialmente a partir de seu texto *O existencialismo é um humanismo*, que pretendemos examinar e compreender algumas questões sobre os seres humanos em suas complexas relações com o mundo. Para Sartre, os seres humanos são lançados ao mundo, e não há um Deus criador que estabeleceu e predestinou as suas vidas. Desse modo, os seres humanos existem desamparados e angustiados, inteiramente responsáveis pela construção de suas subjetividades.

A importância de Jean-Paul Sartre na filosofia contemporânea é destacada por Frederick Copleston em sua *História da filosofia*:

Existem modas no mundo da filosofia como em outros lugares. E a moda do existencialismo declinou. Além disso, como Sartre publicou um número considerável de romances e peças que tornaram seu nome conhecido por muitas pessoas que não estariam dispostas a abordar suas obras filosóficas, há uma tendência natural de considerá-lo uma figura literária, e não um filósofo sério. [...] O fato de ser romancista, dramaturgo e militante de causas sociais e políticas não implica a conclusão de que não seja um pensador hábil e sério. Ele pode ter escrito em cafés parisienses; mas é um homem extremamente inteligente, e a sua filosofia não é certamente sem importância, mesmo que não esteja mais em moda na França como antes. (2023, p. 811-812).

O existencialismo de Sartre é muito influente nos debates contemporâneos, mas também recebe muitas críticas. Uma das principais críticas ao existencialismo de Sartre alega que sua teoria não leva em consideração a dimensão social, ou seja, que sua noção de liberdade e subjetividade implica o isolamento, o individualismo e a inação dos seres humanos. Sartre rejeita essas acusações de que seu existencialismo seria uma filosofia contemplativa e egoísta. Em sentido contrário, ele argumenta que o existencialismo se destaca em favor da humanidade. É neste ponto que se situa a questão central deste artigo: como Sartre explica a dimensão social de sua concepção existencialista de liberdade e de subjetividade?

### **1 A existência humana precede a essência**

*O existencialismo é um humanismo*, publicado em 1946, é resultado de uma conferência que Jean-Paul Sartre ministrou em Paris no pós-guerra, na qual busca

responder às críticas dirigidas ao existencialismo, particularmente aquelas vindas de religiosos e marxistas (2004, p. 197-198).

Religiosos o acusavam de materialismo e imoralidade por rejeitar Deus como fundamento da moral e dos costumes, por acreditarem que, com a supressão da crença em Deus, cada um poderia fazer o que quisesse, sem limites ou regras estabelecidas. Para esses críticos cristãos, o existencialismo nega os aspectos morais da humanidade, ocasionando a incapacidade individual de julgar as ações humanas em sociedade. Esse tipo de crítica, segundo Sartre, favorece uma avaliação cultural do existencialismo como algo pejorativo e aversivo.

Marxistas, por sua vez, criticavam o existencialismo por supostamente não levar em conta as condições materiais e as estruturas sociais na formação dos seres humanos, acusando-o, então, de subjetivismo burguês. Para eles, o existencialismo cultiva a noção de subjetivismo individual, que leva as pessoas ao quietismo e à inação, ou seja, ao conformismo com a realidade social e à ausência de compromisso com a busca por transformações socioeconômicas.

De acordo com Sartre, essas críticas exprimem a falta de compreensão de seus opositores quanto à sua proposta filosófica existencialista, uma vez que sua teoria comporta o comprometimento dos seres humanos com a vida em sociedade. Assim, ele tenta explicar didaticamente o seu existencialismo.

Um aspecto primordial para a compreensão do desenvolvimento do existencialismo ateu<sup>2</sup> de Sartre é sua noção de que a existência precede a essência nos seres humanos. Para sustentar essa afirmação, ele parte de uma comparação entre os objetos fabricados e os seres humanos.

Para tratar dos artefatos, ele escolhe o exemplo do cortador de papel (2004, p. 201). Esse utensílio é produzido por um artífice que, para realizá-lo, parte de um conceito e de regras para a sua execução. Assim, a essência do cortador de papel é anterior à sua confecção, sua finalidade antecede sua realidade no mundo. A essência do cortador de papel, presente no intelecto do artífice, é o paradigma de todos os cortadores de papel

---

<sup>2</sup> Sartre identifica dois tipos de existencialismo, o cristão e o ateu. Cita Gabriel Marcel e Karl Jaspers como representantes do existencialismo cristão. E menciona Martin Heidegger e a si mesmo como existencialistas ateus (2004, p. 200). Porém, devemos notar que Heidegger não se considerava um filósofo existencialista.

existentes na realidade. Todos os cortadores de papel do mundo, em que pesem suas variações individuais, são essencialmente os mesmos, quer dizer, exemplares individuais de uma única essência e ideia da qual todos surgem.

Sartre prossegue observando que a situação dos seres humanos seria análoga se aceitássemos a crença em um Deus criador, artífice supremo que, obviamente, antes da presença humana no mundo, tem em sua mente o conceito de humanidade. De acordo com essa crença teológica, todos os seres humanos que surgem no mundo são efetivações de um conceito divino, existências antecedidas por uma essência que delimita o que, na linguagem tradicional da antropologia filosófica, denominamos natureza humana:

Quando concebemos um Deus criador, esse Deus identificamo-lo quase sempre com um artífice superior; e qualquer que seja a doutrina que consideremos, trate-se de uma doutrina como a de Descartes ou a de Leibniz, admitimos que a vontade segue sempre mais ou menos a inteligência ou pelo menos a acompanha, e que Deus, quando cria, sabe perfeitamente o que cria. Assim o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de um corta-papel no espírito do industrial; e Deus produz o homem segundo técnicas e uma concepção, exatamente como o artífice fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Assim o homem individual realiza um certo conceito que está na inteligência divina. No século XVIII, para o ateísmo dos filósofos, suprime-se a noção de Deus, mas não a ideia de que a essência precede a existência. (2004, p. 201).

De acordo com sua filosofia ateísta, Sartre entende que não existe uma natureza humana<sup>3</sup>. Não há algo que determine antecipadamente como serão as pessoas, uma essência que consista em predestinação. É uma situação diferente do que acontece com as coisas materiais, os objetos produzidos pelos próprios seres humanos: como vimos no exemplo do cortador de papel, ele já existia como ideia na mente do artífice e foi fabricado e para a função de cortar papel. Isso não acontece com os humanos porque eles não são criados por uma mente divina. Então, não há uma essência prévia que se realiza em todos os seres humanos: eles não são nada inicialmente e são responsáveis por construir permanentemente suas essências em sua condição de existentes.

---

<sup>3</sup> De acordo com Sartre, a remoção da crença teológica tem como consequência necessária a impossibilidade do conceito de natureza humana. Ele observa que muitos filósofos ateístas não consideraram essa consequência e insistiram na defesa da noção de natureza humana.

Os seres humanos elaboram suas subjetividades com suas escolhas. E essas escolhas não são apenas individuais. Sartre destaca que elas têm um sentido mais amplo, pois aquilo que decidimos individualmente possui impacto na vida de todos. Por exemplo, quando escolhemos casar ou ter filhos, aderir a um sindicato ou fazer parte de algum grupo religioso, tudo isso reflete mesmo que de forma indireta na vida de todas as pessoas, principalmente porque, ao fazermos nossas escolhas, esperamos que elas possam servir de modelo para toda a humanidade. Escolhendo a si mesmos, os indivíduos elaboram uma imagem de como, segundo eles, deveria ser toda a humanidade (2004, p. 204-205).

Essa liberdade existencial, então, é acompanhada da responsabilidade. E Sartre afirma que ela gera sentimentos existenciais fundamentais: angústia e desamparo. A angústia decorre da consciência de que estamos absolutamente livres para escolher, sem garantias externas ou normas objetivas que nos orientem, quer dizer, desamparados em nossas escolhas. Não há uma essência ou um valor superior que nos diga o que devemos fazer. Mesmo quando alguém decide acatar os parâmetros de moralidade que são vigentes em sua época e sociedade, trata-se de uma escolha pessoal.

## **2 Angústia, desamparo e má-fé**

Sartre explica a angústia como característica inseparável dos seres humanos em sua existência:

Antes de mais, que é que se entende por angústia? O existencialista não tem pejo em declarar que o homem é angústia. Significa isso: o homem ligado por um compromisso e que se dá conta de que não é apenas aquele que escolhe ser, mas de que é também um legislador pronto a escolher, ao mesmo tempo que a si próprio, a humanidade inteira, não poderia escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (2004, p. 205).

A noção sartriana de angústia inspira-se diretamente na conceituação de Sören Kierkegaard, mas exclui a concepção cristã do filósofo dinamarquês (Sartre, 2004, p. 205-206). A esse respeito, é esclarecedora sua interpretação do episódio bíblico no qual se exige de Abraão o sacrifício de seu filho Isaque. Kierkegaard explica a angústia de Abraão, comunicado por um anjo da exigência divina do sacrifício, diante da situação e classifica sua decisão de cumprir a ordem de Deus como o autêntico salto para a fé, com o qual os seres humanos se reconciliam com o poder divino que os criou. Sartre, diferentemente,

interpreta essa passagem com seu existencialismo ateu: Abraão foi responsável por tudo, inclusive por acreditar que se tratava da voz de um anjo que lhe trazia um aviso de Deus, e não, por exemplo, simplesmente de ideias de sua própria mente. Ou seja, quando um ser humano adota uma decisão com base em crenças religiosas ou em qualquer sistema de valores, ele é responsável por essa adesão, pois, na realidade, não há referências externas que prescrevem verdadeiramente as condutas dos indivíduos. Por isso, os seres humanos estão sempre desamparados: porque são indeterminados – não têm uma natureza – e não têm verdadeiras referências externas para tomar suas decisões.

O desamparo é a consequência da ausência de Deus ou de qualquer autoridade transcendental que forneça uma base moral segura e universal para as ações humanas no mundo. A esse respeito, Sartre recorre à afirmação de um personagem de *Os irmãos Karamazov* de Dostoiévski: *se Deus não existe, tudo é permitido* (2004, p. 208). O que isso significa para esse filósofo? Significa que somos inteiramente responsáveis por criar os valores que norteiam nossas vidas. Sendo assim, nenhuma doutrina religiosa ou teoria filosófica servirá de guia moral universal para os seres humanos.

Nesse contexto, o existencialismo se articula profundamente com a questão das escolhas morais. Sartre, em sua explicação, usa o exemplo de um aluno que foi lhe pedir ajuda, pois estava em dúvida se fazia a escolha de ficar cuidando da sua mãe ou se iria servir na guerra engajando-se nas forças francesas que enfrentavam o nazismo.

Sartre pondera alguns caminhos para a escolha do rapaz (2004, p. 210-211). Ele poderia calcular as consequências de suas possíveis decisões, porém elas não seriam mensuráveis, e seus desdobramentos não poderiam ser integralmente previstos. O cristianismo, com sua máxima de amar ao próximo como a si mesmo, igualmente não poderia justificar uma decisão – amar a mãe ou amar a humanidade em geral, o que seria moralmente prioritário? A ética de Immanuel Kant (1724-1804), com seu imperativo categórico de considerar o ser humano sempre como um fim, e jamais simplesmente como um meio, também não resolveria o impasse – considerar a mãe como fim significaria reduzir a meio os combatentes contrários ao totalitarismo, assim como priorizar a luta pela resistência implicaria a conversão de sua mãe a meio.

Então, a resposta dada por Sartre é que essa decisão deveria ser tomada pelo aluno sem se fundamentar especificamente em alguma moral prévia ou por influências, mas sim

guiada pela sua própria escolha individual. Se não existe nenhuma referência externa indiscutivelmente verdadeira que lhe prescreva o que fazer, ele deve escolher através da sua própria liberdade, deve inventar livremente sua decisão.

Como não há moral pré-estabelecida, cada escolha é um ato criador que estabelece um valor<sup>4</sup>. É nesse sentido que Sartre utiliza o exemplo de um pintor que, ao dar início à sua obra, se depara com o quadro branco e parte de sua própria inspiração, sem precisar de opinião ou de um modelo prescritivo (2004, p. 225). Ele simplesmente cria segundo a sua vontade, e a escolha será de sua inteira responsabilidade. Ninguém discutiria o valor estético de sua arte por ele não seguir determinações prévias na sua pintura. Situação análoga, defende Sartre, acontece no campo da moralidade: os seres humanos fazem suas escolhas sem se submeterem a outrem ou a parâmetros morais exteriores. As ações do sujeito tornam-se exemplos, modelos do que ele acredita ser o bem. Escolher é sempre escolher para todos. A moral existencialista é, assim, construída na prática, com base no engajamento dos sujeitos no mundo.

Thomas Ramson Giles indica a relação entre liberdade e moralidade no pensamento de Sartre:

Porque o homem não é nada, ele é o que deve ser, o que deve fazer-se. A liberdade é o exílio, e eu sou condenado a ser livre. Tal é a posição dramática da consciência do mundo. Ela se torna consciente em sua primeira gratuidade primordial, sem causa e sem meta, não criada, injustificável, não tendo outro título de existência a não ser o só fato de que já existe. Ela não poderia encontrar fora dela pretexto, escusas ou razões para existir, porque nada pode existir para ela se primeiramente não tomar consciência [...], pois nada tem sentido a não ser aquele dado pela consciência. (1989, p. 288).

Sartre reforça que os seres humanos não escapam da responsabilidade de escolher. Quando alegam que suas condutas não são escolhidas, eles agem com má-fé (2004, p. 227). A má-fé é a tentativa de fugir dessa responsabilidade, enganando a si mesmo e atribuindo

---

<sup>4</sup> A esse respeito, Sartre comenta especificamente três críticas dirigidas à sua teoria: as escolhas seriam por capricho e arbitrarias (gratuidade), os indivíduos jamais poderiam avaliar moralmente outros seres humanos; e os valores não seriam sérios. Refutando essas acusações, ele afirma que, as escolhas necessariamente têm compromisso com a humanidade; que os laços entre os seres humanos proporcionam o julgamento da má-fé e que a escolha de valores é construção intersubjetiva dos seres humanos (2004, p. 255-232).

às circunstâncias ou a terceiros as causas de suas escolhas. É uma forma de autoengano, na qual o indivíduo recusa a liberdade que o define existencialmente. Para Sartre, os seres humanos estão condenados à liberdade: eles são lançados ao mundo, e suas escolhas dão sentido e significação para suas vidas.

### **3 Radicalidade da liberdade, subjetividade e moralidade**

Portanto, o existencialismo proposto por Sartre é uma filosofia da liberdade e da responsabilidade humana. Recusando determinismos metafísicos e predeterminações, ele afirma a capacidade de os seres humanos se criarem por meio de suas escolhas. Para esse filósofo, estamos condenados à liberdade:

Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. (2004, p. 209).

Sartre argumenta que sua filosofia, longe de promover o egoísmo ou o relativismo moral, exige um comprometimento ético profundo com a humanidade. A dignidade da condição existencial dos seres humanos reside justamente nessa liberdade de projetar-se e responsabilizar-se por si e pelos outros, construindo um mundo mais livre e autêntico.

A subjetividade existencial é, portanto, característica essencial na teoria de Sartre. Não se trata de um subjetivismo egoísta, mas sim de um compromisso profundo com a liberdade e com a dignidade da condição humana. Vale reforçar que, ao escolher, o indivíduo não apenas define a si mesmo, mas também propõe uma imagem de humanidade. Isso o torna responsável não apenas por sua própria existência, mas por todos os outros seres humanos. Assim, a liberdade humana não é apenas um poder de escolha, mas uma responsabilidade que envolve a todos.

Defendendo-se das acusações de que seu existencialismo promove o isolamento dos indivíduos, Sartre explica seu conceito de subjetividade. Ele aponta semelhança parcial de sua ideia de subjetividade com o primeiro *cogito* cartesiano – penso, logo existo –,

expressando concordância com a tese de que a primeira verdade se realiza com a apreensão de si mesmo como consciência (2004, p. 220-221). Entretanto, diferentemente do conceito cartesiano de consciência enquanto substância pensante, cuja existência seria atestada a despeito da realidade externa, a subjetividade existencial não é estritamente individual, pois os seres humanos apreendem a si mesmos na mesma medida em que descobrem, em sua consciência, a existência de todos os outros seres humanos. A subjetividade existencial é, portanto, intersubjetividade em que as consciências existem em relações entre si e com o mundo.

#### **4 A aproximação do existencialismo sartriano com o marxismo**

Na leitura de *O existencialismo é um humanismo*, identifica-se tanto a ênfase sartriana na liberdade humana quanto seu empenho em explicar a responsabilidade existencial dos seres humanos no plano da intersubjetividade. A liberdade existencial, para esse filósofo, é inseparável dos contextos em que ela é praticada. Os seres humanos existem necessariamente em sociedade.

No início de sua apresentação da filosofia de Sartre, Thomas Ransom Giles destaca esse aspecto:

O pensamento de Sartre reflete a preocupação existencial de que o homem deve fazer uma opção sempre que a sociedade, a política, a família, a educação, os hábitos adquiridos o coloquem numa encruzilhada de múltiplos caminhos, pois pode escolher entre ser covarde ou corajoso, cúmplice ou denunciador de crimes que não praticou, acomodar-se a uma determinada situação, aceitar determinada realidade que torna a respeitar ou combater. Mas de qualquer maneira deve afirmar-se nesta ou naquela situação e assumir a responsabilidade da opção atuando e participando, mesmo que tal atuação e participação se tornem inquietantes e incômodas. (1989, p. 273).

Em seu existencialismo, como explicamos antes, Sartre não aceita a ideia de natureza humana. De forma diferente, ele compreende que há uma universalidade da condição humana no mundo (2004, p. 222-223). Nessa condição humana universal, os seres humanos necessariamente existem uns com os outros, enfrentam a realidade e são mortais. E os seres humanos existem em diferentes situações históricas, exercem sua liberdade em contextos formados pela combinação de aspectos sociais, econômicos,

políticos e culturais. Assim, são radicalmente livres no plano de suas situações fáticas, e esses limites são ao mesmo tempo objetivos e subjetivos. São objetivos porque se caracterizam efetivamente em realidades histórico-culturais. São subjetivos porque sua objetividade é sempre vivida na subjetividade da liberdade existencial dos seres humanos que se posicionam diante dela conforme suas decisões no mundo.

As relações dos seres humanos com o mundo são impactadas nas práticas do dia a dia em que se estabelecem as regras e os limites de suas ações. Para Sartre, convém reafirmar, as escolhas não se fundamentam em normas a serem seguidas, e é nesse sentido que a responsabilidade existencial dos seres humanos prevalece, já que não existe nada predefinido ou uma natureza que estabeleça as condutas da humanidade. Porém, esse filósofo não ignora as condições históricas da existência, pois certamente há diferenças, por exemplo, entre nascer em uma família camponesa da medievalidade europeia e nascer em uma família burguesa do mundo contemporâneo. Os períodos históricos, as relações socioeconômicas e o pertencimento a classes sociais específicas formam o campo de possibilidades diante das quais os seres humanos atuam com sua liberdade existencial e assumem suas posições perante os problemas sociais e políticos.

Essa preocupação de Sartre em destacar a dimensão social de sua filosofia existencialista se torna ainda mais evidente quando, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ele adere ao marxismo tanto do ponto de vista teórico quanto como forma de atuação política. Ele propõe, então, combinar se existencialismo com a teoria filosófica marxista. E isso não é uma tarefa simples. Afinal, enquanto o existencialismo baseia-se na noção de liberdade radical dos seres humanos como autores de si mesmos, o marxismo compreende que as relações sociais de produção condicionam profundamente as formas de vida dos seres humanos e atribui importância decisiva à dialética como transformação da história.

Sartre publica em 1960 um longo estudo sobre essa temática, chamado *Crítica da razão dialética*. Na abertura do livro, denominada *Questões de método*, ele escreve um tópico sobre existencialismo e marxismo<sup>5</sup>. Nele, o filósofo afirma:

---

<sup>5</sup> Não é objetivo deste trabalho pesquisar detalhadamente a tentativa sartriana de conciliação do existencialismo com o marxismo. Apenas fazemos menção a ela para ressaltar a preocupação e a dificuldade de Sartre em articular seu existencialismo com questões sociais.

Se a filosofia deve ser, a uma só vez, totalização do saber, método, ideia reguladora, arma ofensiva e comunidade de linguagem; se essa “visão do mundo” é um instrumento que trabalha as sociedades carcomidas, se essa concepção singular de um homem ou de um grupo de homens torna-se cultura e, às vezes, a natureza de uma classe inteira, fica bem claro que as épocas de criação filosófica são raras. Entre os séculos XVII e XX, vejo três que designarei por nomes célebres: existe o momento de Descartes e de Locke, o de Kant e de Hegel e, por fim, o de Marx. Essas três filosofias tornam-se, cada uma por sua vez, o húmus de todo o pensamento particular e o horizonte de toda cultura, elas são insuperáveis enquanto o momento histórico de que são a expressão não tiver sido superado. (2002, p. 21).

Para Sartre, então, o marxismo é a filosofia do nosso tempo. É justamente por acreditar na capacidade transformadora e de construção social justa que Sartre se aproxima do marxismo. Ele acredita que o marxismo é a filosofia da época porque explica melhor a realidade histórica e social da humanidade em seu contexto contemporâneo, principalmente por analisar o movimento histórico e sua estrutura no campo material. Isso não quer dizer que ele concorde com toda a filosofia de Marx e com suas diferentes interpretações. Ele discorda principalmente das versões dogmáticas e mecanicistas que explicam a humanidade como completamente determinada pelo resultado das condições materiais de sua época e a própria história da humanidade como algo predeterminado. Para esse filósofo, aliás, a conjugação do existencialismo com a filosofia de Marx é o caminho para revitalizar o marxismo como força de transformação social, eliminando suas visões dogmáticas.

### **Considerações finais**

A principal questão examinada neste trabalho foi como Sartre procurou sustentar a dimensão social de sua concepção existencialista de liberdade e de subjetividade, sobretudo em seu texto *O existencialismo é um humanismo*.

Sartre se empenha em destacar que seu existencialismo tem comprometimento com a humanidade, não se restringindo a aspectos individuais dos seres humanos. Nesse sentido, ele argumenta que as escolhas existenciais dos seres humanos impactam o mundo, a realidade da vida humana em sociedade. Os seres humanos exercem sua liberdade em contextos sociais específicos, e essa liberdade efetiva-se no plano da intersubjetividade.

Esse esforço sartriano se torna mais nítido quando ele tenta conciliar seu existencialismo com o marxismo.

Em sua dimensão social, ele aponta e explica que o seu conceito de subjetividade dos seres humanos denota não um isolamento, mas sim a intersubjetividade, à medida que a consciência é originariamente aberta à existência de outros seres humanos. Além disso, a liberdade dos seres humanos possibilita que façam as suas escolhas e, ao mesmo tempo, sejam completamente responsáveis por elas. Embora não tenham de se submeter a nenhuma moral predefinida, não se trata de considerar as ações humanas como egoístas ou conformistas. Afirmando sua intersubjetividade, os seres humanos, com suas decisões inseridas em contextos sociais, escolhem por todos os seres humanos, são legisladores da humanidade,

Em resposta aos seus críticos, Sartre procura deixar claro que sua filosofia não pode ser considerada egoísta e muito menos burguesa, porque, para ele, quando os seres humanos fazem suas escolhas, manifesta-se o compromisso com toda a humanidade. Em vez do quietismo e da inação, o existencialismo implica a ação humana no mundo.

Sartre compreende a sua filosofia como combativa e pertinente para desconstruir a aparência de que a vida em sociedade somente possa ser explicada mecanicamente por pressões externas – por exemplo, morais, religiosas e culturais – aos indivíduos. Ainda que ele considere a relevância do contexto social e histórico como condições objetivas ao exercício da liberdade existencial, a apropriação subjetiva dessa realidade pelos seres humanos é decisiva para os seres humanos como seres condenados existencialmente à liberdade.

Nessa perspectiva, a filosofia existencialista sartriana não induz ao isolamento dos seres humanos e à sua inação. Ao contrário, concebe os seres humanos como livres e capazes de enfrentar e de transformar a realidade social, como seres engajados em práticas sociais e políticas.

### **Referências bibliográficas**

COLLETE, Jacques. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia: do utilitarismo a Sartre**. Campinas: Vide Editorial, 2023.

GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Lisboa: Bertrand Editora, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. Questão de método. In: \_\_\_\_\_. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.